

**INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL
EM NOMES POPULARES DE ÓRGÃO SEXUAIS**

Patrícia Oliveira de Freitas (UERJ)

freitasp.lettras@gmail.com

Sandra Pereira Bernardo (UERJ/PUC-Rio)

sandrapb@terra.com.br

RESUMO

Analisa-se, neste artigo, os termos populares referentes aos órgãos que compõem as áreas erógenas do corpo humano em duas piadas, em que são usados nomes para ativar a referência à vagina e ao pênis. Para tanto, serão usadas como aparato teórico as formulações da teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e a teoria da integração conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Apesar de não haver sequer alguma menção direta à terminologia oficial, infere-se, pelo contexto, que se trata de uma referência popular aos órgãos supracitados. Portanto, pretende-se demonstrar o processo de mesclagem envolvido no acesso a tais conceitos no gênero piada.

Palavras-chave: Mesclagem conceptual. Metáfora conceptual. Órgãos sexuais. Piada

1. Introdução

Este artigo visa ao estudo da nomenclatura popular e metafórica dada aos órgãos que compõem as áreas erógenas do corpo humano, limitando-se aos nomes referentes à vulva e ao pênis. A principal motivação para esse estudo foi a observação da quantidade excessiva de nomes que designam metaforicamente os órgãos em questão. Há diversas listas disponibilizadas na internet que expõem uma quantidade superior a 500 nomes.

Porém, trata-se de listas descontextualizadas, um inventário de palavras soltas separadas por itens. Para o principal aparato teórico desta pesquisa, a linguística cognitiva, o objeto de análise deve revelar as circunstâncias nas quais aquele determinado item se insere. Deve-se pensar, primeiramente, que, para a linguística cognitiva, o significado linguístico emerge das experiências corpóreas do falante a partir da constante interação com o meio em que ele vive. Portanto, torna-se imprescindível haver um contexto em que esses nomes sejam usados.

Um dos principais desafios foi saber qual material utilizar nesse cenário, que muitas vezes é visto como vulgar, indecente e inapropriado

em determinadas situações, quer sejam em discursos orais, impressos ou multimodais. Dentre as possibilidades aventadas, as palavras poderiam estar em *sites*, *blogs* e vídeos de pornografia, em contos eróticos, quadrinhos, charges e piadas que fossem de cunho sexual. Diversas palavras extraídas das listas foram encontradas em quase todos esses sítios via ferramenta Google.

Porém, a decisão pelas piadas ocorreu por conta (i) dos aspectos criativos da mente humana na formação e no entendimento de uma piada. Mesmo nos casos em que não há menção direta à terminologia oficial, infere-se, pelo processamento de domínios cognitivos, que a referência se trata de um nome popular dado ao órgão sexual; e (ii) dos diversos trabalhos que estudam o humor dentro das perspectivas nas quais esta pesquisa se apoiará, que são a teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980; KOVECSES, 2010) e a teoria da integração conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Há diversos trabalhos que estudam o humor dentro dessas abordagens, mais precisamente do ponto de vista cognitivo. Apesar da gama de possibilidades, incluindo o estudo sobre piadas, a produtividade nos achados das teorias em questão tem se mostrado tão frequente quanto proveitosa.

Isso porque as piadas demandam determinado gatilho de rotinas cognitivas, para que possa ocorrer o seu entendimento efetivo. Quando essas palavras são inseridas em outro contexto, como, por exemplo, o das piadas, há o acionamento desses gatilhos. Com isso, pretende-se demonstrar o processo de mesclagem conceptual envolvido na criação dos vocábulos selecionados quando inseridos em piadas de cunho sexual.

2. *A integração conceptual*

A integração conceptual¹¹⁹ é um processo cognitivo que se manifesta de maneira rápida e implícita, sem que o falante se dê conta de toda a complexidade que sucede no sistema conceptual humano. Nas palavras de Ferrari, “é uma operação mental que pode ser considerada a origem da nossa aptidão para inventar novos signos”. (FERRARI, 2011, p. 120)

Esse decurso é possível devido ao processamento de três operações cognitivas que se inter-relacionam: (a) o reconhecimento de *Identities*,

¹¹⁹ Usarei os termos Integração Conceptual e Mesclagem como sinônimos.

incluindo suas equivalências e oposições, (b) a *Integração*, que é a ressignificação dessas identidades e (c) a *Imaginação*, sem a qual os eventos anteriores não conseguem se constituir, responsável pela ativação do cenário mental das crenças e dos eventos em que se inclui a contrafactualidade.

Todo esse processo se realiza quando as experiências armazenadas cognitivamente são acionadas. O indivíduo armazena categoricamente os conhecimentos adquiridos a partir do seu envolvimento corpóreo no mundo. Esses domínios cognitivos podem ser reproduzidos através dos *modelos cognitivos idealizados* e *frames*, utilizados para organizar a grande quantidade de informações depositadas na memória.

Os espaços mentais também são elementos cruciais para o processo de construção de significado. São pacotes carregados de determinada informação e são utilizados momentaneamente, dependendo da necessidade do falante naquele momento específico. Esses espaços da mente trabalham de forma dinâmica e estão sujeitos ao contexto em que se insere a fala. Ativam-se de maneira rápida e fugaz, mediante a experiência prévia, ou seja, estruturam-se a partir da construção de *frames* e *modelos cognitivos idealizados* já armazenados.

Muitos estudiosos se referem à teoria da integração conceptual como uma extensão da teoria dos espaços mentais e como uma sustentação mais eficaz da teoria da metáfora conceptual (EVANS; GREEN, 2006, p. 421). Mesmo com a aproximação e ligação com ambas as abordagens, a mesclagem diferencia-se dessas teorias, quando prevê que a construção de significados, em grande parte da sua realização, envolve um complexo processo de integração entre estruturas, o que *origina algo maior do que a soma das duas partes* (*ibidem*). Essa dinâmica trata-se de uma operação geral e básica da cognição, que fundamenta com mais especificidade a forma como pensam os humanos.

Fauconnier esclarece que a singularidade na arquitetura da teoria da mesclagem aponta para “a capacidade de agrupar diversos espaços mentais e, a partir desse agrupamento, criar novos espaços mentais que possuem uma estrutura emergente” (COSCARELLI, 2005, p. 292). À guisa de exemplificação, espaços mentais de diferentes domínios podem ser introduzidos mesmo que sejam conflitantes entre eles, caracterizando o que ficou conhecido como “integração de duplo espoco”. Essa capacidade de integração, da qual apenas humanos são contemplados, está presente desde o pensamento mais básico até o mais complexo, uma vez que a forma para o raciocínio imaginativo ocorre da mesma maneira.

Quanto aos aspectos essenciais da mesclagem conceptual, Fauconnier e Turner (2002) esquematizaram uma rede de espaços mentais integrados, composta estruturalmente por pelo menos quatro espaços que projetam seletivamente elementos:

- 1- Espaços de Entrada –
trata-se dos *inputs* 1 e 2 (podendo haver mais) e seus elementos parcialmente projetados (as contrapartes);
- 2- Espaço Genérico –
é o espaço base, cuja estrutura abstrata aponta o que os *inputs* têm em comum. Ademais, é o espaço responsável por deixar disponível todo o processamento da rede;
- 3- Espaço Mescla –
local para onde vão as projeções seletivas dos *inputs* 1 e 2. Nem todos os elementos são projetados para este espaço.
- 4- Estrutura Emergente (mescla) –
estrutura cuja formação expõe uma característica própria, que a distingue dos *inputs* anteriores, mas que, ao mesmo tempo, carrega heranças visíveis das projeções que a precederam.

O processamento da mesclagem funciona de forma tão dinâmica que todos os espaços são passíveis de sofrer modificações a qualquer momento e de acordo com a necessidade de mapeamentos ou novas projeções em função da conceptualização. A rede representa esse processamento e demonstra o trajeto mental percorrido até determinado ponto da significação. Da mesma forma em que o significado não reside na forma linguística, este também não se constitui em um espaço mental específico. Todos os espaços contribuem para a integração.

Ademais, apesar da originalidade imaginativa, todos os mapeamentos são transitáveis a qualquer momento que se fizer necessário, ocasionando na disponibilidade de acesso a qualquer um dos espaços criados e a projeções estabelecidas. Isso porque, embora sejam inéditas, as mesclas emergem de conhecimentos previamente armazenados, tais como os *modelos cognitivos idealizados e frames*, e uma vez constituídas, podem servir de *inputs* para outras redes de integração conceptual.

Nas palavras de Fauconnier e Turner, “mesclar não é algo que fazemos além de viver no mundo; é o nosso meio de vida no mundo. Viver no mundo humano é ‘viver na mescla’ ou ainda, viver em muitas mesclas coordenadas” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 390). Não há como

fugir desse aspecto imaginativo distintivamente humano. As experiências pelas quais perpassam o corpo em suas atividades individuais e coletivas no âmbito social são viabilizadoras de um sistema conceptual criativo, cujas integrações se mostram de forma poderosa e complexa.

Pelo exposto, considerando-se as integrações utilizadas no cotidiano, percebe-se que domínios de conhecimento, inclusive domínios de diferentes matizes, podem se integrar em função da criação de novos significados, conservando sempre alguma herança dos *inputs* originários, como será tratado por esta pesquisa.

3. Piadas numa visão cognitiva

Esta seção destina-se à análise dos nomes dados aos órgãos sexuais concernentes à vulva e ao pênis. Selecionamos duas piadas via ferramenta *Google*, cujo endereço para um possível acesso encontra-se disponível nos rodapés das páginas. Optamos por piadas que não fizessem menção direta aos órgãos a partir da terminologia técnica. Os títulos foram preservados. Porém, para que não haja a necessidade de repeti-los na análise, serão referenciados por letras maiúsculas.

3.1. A Aranha – Joãozinho¹²⁰

Um dia, Joãozinho pediu pra tomar banho com a mãe e aí a mãe tirou a roupa e Joãozinho olhou assustado para ela e perguntou:

– Nossa, mãe, o que é isso no meio da sua perna?

A mãe nervosa respondeu:

– É a aranha da mamãe.

No outro dia a mãe tinha se depilado e Joãozinho perguntou:

– Cadê a sua aranha mamãe?

– Fugiu Joãozinho

Então Joãozinho foi pra escola, mas a sua professora foi sem calcinha. Quando Joãozinho foi pegar o seu lápis no chão, viu e falou agarrando:

– Dá a aranha da mamãe!

¹²⁰ Disponível em <http://www.sergecartoons.com/a_aranha_32837.htm>

A piada (A) evidencia o órgão genital feminino. Sabe-se que, culturalmente, a referência a partir do nome “aranha” se presta para designar a vulva em determinados contextos, tais qual o da piada supracitada. Uma possível indagação para essa integração emerge quando questionamos o que leva a conceptualização de expressões tão distintas a um único enquadramento e de forma criativa.

Para compor a resposta, é necessário explorar o caminho mental percorrido, em que necessariamente o conhecimento armazenado na memória de trabalho é acionado. Além disso, a própria piada recorre a partes do corpo humano para sinalizar a referência com a qual iremos discutir, em termos de integração. Quando Joãozinho pergunta o que a mãe portava no meio de suas pernas, não é difícil inferir que seja o seu órgão genital. O principal mecanismo para inferência do que isso se trata advém da compreensão anatômica do corpo humano, já que o leitor sabe o que uma pessoa porta entre as pernas: sua genitalia.

A experiência corpórea também é crucial para o entendimento de que a depilação citada na piada, ainda que não explícita em qual parte do corpo ocorreu, sugere que tenha sido na vulva, uma vez que a ‘aranha’ já não se encontrava entre as pernas da mãe. Ademais, a ausência de uma calcinha, indumentária voltada para o público feminino, por parte da professora e a conseguinte descoberta da localização da ‘aranha’ entre as suas pernas, é determinante para se concluir do que se trata a ‘aranha’ citada: do órgão sexual feminino.

Mesmo com todas as pistas circunstanciais e o acionamento das experiências com o corpo, ainda permanece a reflexão: quais são os aspectos perceptuais que legitimam a integração de dois elementos distintos e que subsistem, cada qual em locais e situações tão conflitantes?

Para estruturar a alusão ao órgão em questão, recorreremos à metáfora conceptual **ORGÃO SEXUAL FEMININO SÃO ANIMAIS COM FORMATOS ARREDONDADOS E PELUDOS**, que projeta os domínios entre a vulva e o animal e que, por tornar essa informação disponível, é o que se encontra no Espaço Genérico da rede de integração. O domínio-fonte **ANIMAIS COM FORMATOS ARREDONDADOS E PELUDOS** é integrado às experiências relacionadas ao domínio-alvo **ORGÃO SEXUAL FEMININO**. Isso significa que há uma utilização da designação dada ao animal aranha para referir à vulva. O alvo é a nomenclatura dada à parte genital feminina, mas a expressão linguística utilizada é feita a partir do nome de um animal.

O *input 1* é composto por elementos que constituem o *frame* relativo ao animal. Já o *Input 2* é composto por itens que constituem o *frame* relativo ao órgão. As projeções estabelecem-se principalmente em relação aos formatos de ambos os elementos, levando as características que se assemelham em termos de moldes a serem projetadas no Espaço-Mescla. As projeções seletivas dos espaços de entrada jogam para o espaço-mescla uma informação nova que valida a integração de dois domínios aparentemente distintos.

A rede de integração que representa esse processo de mesclagem conceptual na utilização do nome “aranha” para designar a vulva é apresentada na Fig. 1:

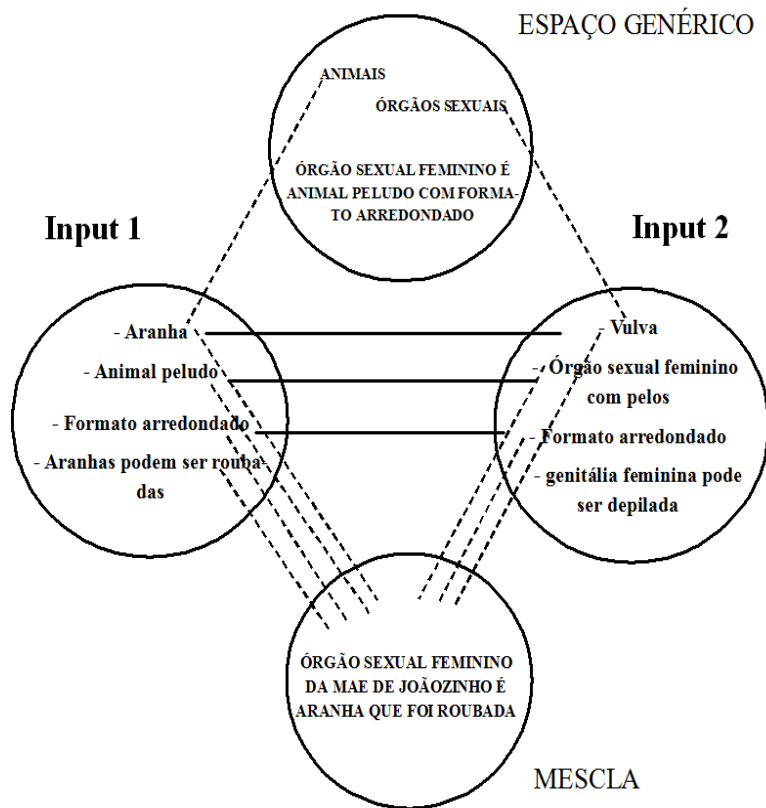


Fig. 1 – Rede de Integração Conceptual: Piada A.

Cabe ressaltar que essas relações entre os conceitos são determinantes para a emergência da mescla, comprimida a partir das projeções seletivas dos *Inputs*. A compreensão dessas relações conceptuais é conhecida como Relação Vital. Nas palavras de Oliveira, trata-se da “(...) união entre elementos e propriedades de contrapartes, de modo a possibilitar a compreensão numa escala humana, ou seja, de forma otimizada e imaginativa” (2012, p. 25).

A análise da piada (A) aponta para as seguintes relações vitais:

- (a) Representação –
A aranha como elemento que representa a vulva;
- (b) Mudança –
Na percepção de Joãozinho, a aranha da mãe muda de posição em relação à aranha da professora;
- (c) Identidade –
Joãozinho comprime as duas supostas aranhas como se ambas fossem o mesmo animal;
- (d) Causa e Efeito –
A depilação da mãe de Joãozinho e seu argumento de que ela fugiu fizeram com que achasse que a aranha da professora fosse a aranha de sua mãe;
- (e) Propriedade –
Os pelos e a ausência deles como propriedades, respectivamente, da presença e da ausência da suposta ‘aranha’;
- (f) Similaridade –
O formato e os pelos da vulva e da aranha como fatores semelhantes.

Passa-se, em seguida, à análise da segunda piada:

3.2. Piadas do pau¹²¹

Indícios de que Marta Suplicy foi um #pau em outras vidas:

– Ela diz: “Relaxa e goza”

¹²¹ @piadasdopau, 11 de out de 2009

A piada (B), apesar de ser curta, demanda de um processo complexo de mesclagem conceptual. Primeiro porque é preciso saber quem é Marta Suplicy, em qual contexto a respectiva frase foi proferida e qual é a função dessa sentença para o desenvolvimento do humor, a saber, por qual razão ela foi um ‘pau’ em outras vidas.

Para fins de esclarecimento, a frase foi declarada em 2007, após o lançamento de Plano Nacional do Turismo, quando ocorria uma crise nos aeroportos. Marta Suplicy, além de sexóloga por formação, na época, era ministra do Turismo e justificou a sua declaração com uma alusão ao prazer com o qual os consumidores usufruiriam dos aeroportos após o investimento de mais de R\$ 900 milhões no turismo.

Isoladamente, a palavra ‘pau’ pode remeter a diversas situações, sem necessariamente se referir ao órgão sexual masculino. Apenas no momento em que há a declaração ‘Relaxa e goza’ é que o *frame* de órgão sexual masculino é acionado e a palavra ‘pau’ assume esse papel de quem desempenha a função dessa genitália.

A metáfora conceptual que estrutura essa expressão linguística e que ocupa o lugar no Espaço Base é ORGÃO SEXUAL MASCULINO SÃO OBJETOS ERETOS, uma vez que essa configuração verticalizada parece se integrar ao órgão em questão. O falante se utiliza de formatos eretos (domínio-fonte) para designar o pênis (domínio-alvo).

O *Input 1* contém o *frame* relativo ao pau como material extraído da árvore, ao passo que o *Input 2* refere-se ao *frame* de órgão sexual masculino. As características concernentes ao formato ereto são projetadas para o Espaço-Mescla, cuja informação ali projetada viabiliza o entendimento da palavra pau em termos de pênis.

A rede de integração que representa esse processo de mesclagem que valida o entendimento de que “pau” remete ao pênis na piada (B) é apresentada na Fig. 2, abaixo.

Como dito anteriormente, uma vez que a mescla se constitui e se armazena cognitivamente via *modelos cognitivos idealizados* ou *frames*, esta pode servir como *input* para outras redes de integração conceptual. Nesse caso, para o entendimento da piada (B), cujo contexto legitima o nome “pau” como designação ao pênis, ocorre um processo de interligação entre os espaços postulados na Fig. 3. abaixo.

ESPAÇO GENÉRICO

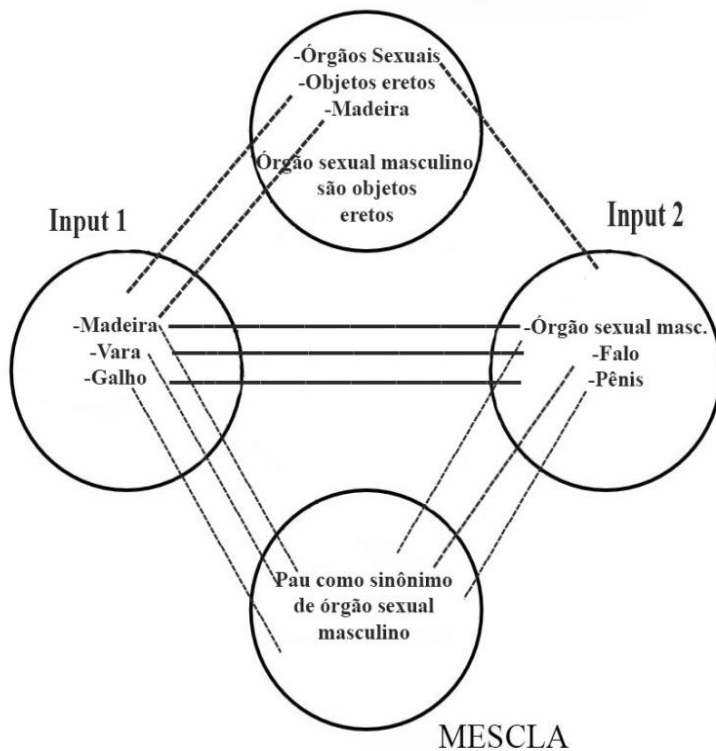


Fig. 2 – Rede de Integração Conceptual: Piada B

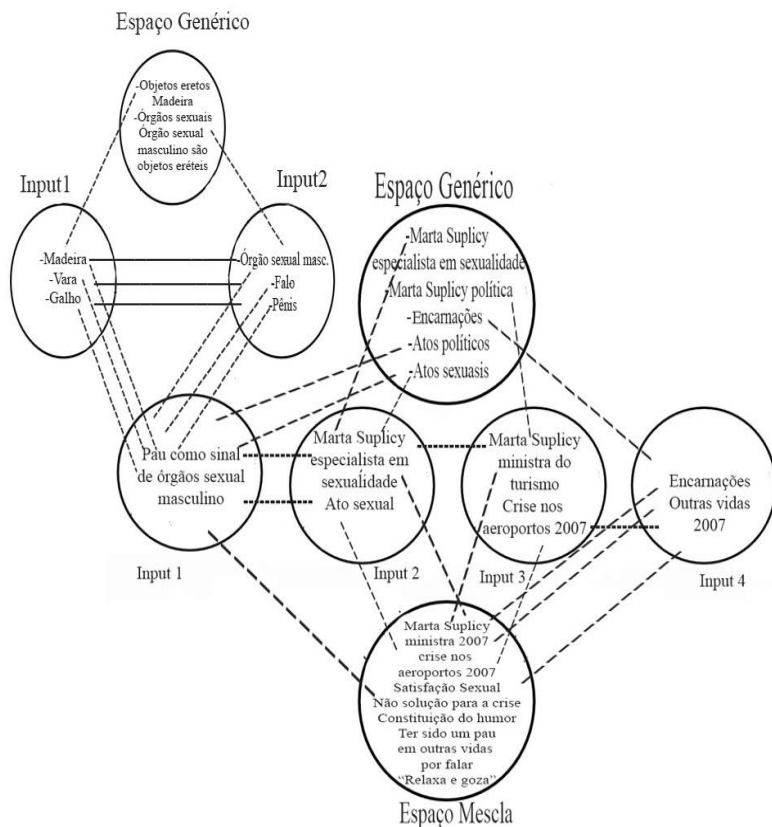


Fig. 3 – Rede de Integração Conceptual: Megablend Piada B

De acordo com a análise da piada, conclui-se que nela estão presentes as seguintes relações vitais:

- (a) Representação – o pau representa um pênis e também representa a ministra do Turismo, Marta Suplicy;
- (b) Papel Valor – Marta Suplicy na qualidade de Ministra do Turismo e Sexóloga por formação (o que a coloca na posição de um pau-pênis em outras vidas);
- (c) Identidade – o mesmo ente em encarnações diferentes (uma pessoa e um pau). Há aí uma alteração na identidade, embora se trate da mesma pessoa/entidade;

- (d) Tempo – a mesma pessoa/entidade, mas em tempos diferentes: Marta Suplicy no ano de 2007, encarnada em uma pessoa, ministra do Turismo e sexóloga por formação; e um pau, encarnado em outras vidas;
- (e) Causa e Efeito – Marta diz para o povo “relaxa e goza” e, por isso, há indícios de que ela tenha sido um pau (pênis) em outras vidas.

Visto isso, concluímos que todo esse processo imaginativo na criação de novos significados se deve em grande parte à integração conceitual e à sua ampla aplicação em outros propósitos, dentre os quais, as metáforas conceituais, bem convencionais na nossa cultura, ÓRGÃOS SEXUAIS SÃO OBJETOS e ÓRGÃOS SEXUAIS SÃO ANIMAIS, retomadas em piadas para criar humor. Tais metáforas são instâncias de metáforas mais gerais presentes em várias formas convencionais de pensar: PESSOAS SÃO OBJETOS e PESSOAS SÃO ANIMAIS.

4. Considerações finais

Buscamos demonstrar, à luz das teorias da metáfora conceitual e da teoria da integração conceitual, o processo de mesclagem envolvido em piadas que se utilizam de uma nomenclatura popular dada aos órgãos sexuais, limitando-se às partes concernentes à vulva e ao pênis.

Para tanto, selecionamos duas piadas via ferramenta Google que contivessem referências às partes genitais em questão, sem que houvesse a citação direta dos nomes a partir da terminologia técnica (vulva e pênis). Assim, foram analisadas as menções de “aranha” e “pau” como designações à vulva e ao pênis, respectivamente.

As metáforas conceituais que estruturam as piadas analisadas foram, respectivamente, ÓRGÃO SEXUAL FEMININO É ANIMAL PELUDO COM FORMATO ARREDONDADO e ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO SÃO OBJETOS ERETOS, o que evidencia uma organização do pensamento e uma capacidade para conceitualizar um domínio específico em termos de outro domínio, sem que a compreensão daquele enunciado se comprometa.

Dessa forma, demonstraram-se as conexões estabelecidas entre os espaços mentais a partir de redes de integração conceitual, em que foi possível atestar o processo imaginativo que legitima a criação de novos

significados. Os *inputs*, ainda que estruturados por *frames* e *modelos cognitivos idealizados* distintos, propiciam o surgimento de uma estrutura emergente no espaço-mescla. As características novas e próprias imputadas na mescla não anulam aquelas que a precederam a partir das projeções. Antes, as informações precedentes encontram-se disponíveis a qualquer momento.

Uma vez criada, a mescla pode ser armazenada, modificada, pode servir de *input* para novas projeções e para o surgimento de novas redes de integração conceptual. Tudo isso faz parte de um processo mental dinâmico, poderoso e complexo, tal como se pretendeu demonstrar com esta análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSCARELLI, C. V. Entrevista: Uma conversa com Gilles Fauconnier. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol. 5, n. 2, p. 291-303, 2005.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: Conceptual Blending. Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. V. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

OLIVEIRA, Antônio Marcos Vieira de. *Ditos populares em músicas do cancionário popular: uma abordagem cognitiva*. 2012. Dissertação (de Mestrado). – Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Instituto de Letras, Rio de Janeiro.1082